

Filosofia, Teologia e Direitos Humanos na América Latina: um ensaio sobre o pensamento de Ignacio Ellacuría

Philosophy, Theology and Human Rights in Latin America: an essay on the thinking of Ignacio Ellacuría

Filosofía, Teología y Derechos Humanos en América Latina: un ensayo sobre el pensamiento de Ignacio Ellacuría

Destaques

- Pensar uma filosofia desde a América Latina, radicalmente orientada para uma compreensão histórica de nossos problemas.
- O mito se caracteriza por apresentar uma concepção estática e fechada da realidade.
- Retira filosofia e teologia de instâncias abstratas, reposicionando-as na concretude latino-americana.

Oneide Perius¹

<https://orcid.org/0000-0002-0298-9727>

Fábio Caires Correia²

<https://orcid.org/0000-0002-1768-3720>

¹ Universidade Federal da Fronteira Sul, Erechim, Rio Grande do Sul – Brasil. E-mail: oneidepe@yahoo.com.br.

² Universidade Estadual Paulista (UNESP), Rio Claro, São Paulo – Brasil. E-mail: fabio.caires@unesp.br.

Resumo

O presente artigo propõe uma reflexão crítica sobre o papel da Filosofia e da Teologia na América Latina a partir do pensamento de Ignacio Ellacuría, com ênfase em sua contribuição para a defesa e a promoção dos direitos humanos no continente. Rejeitando abordagens jurídico-formais de cunho abstrato, sustenta-se que os direitos humanos devem ser compreendidos como exigências concretas de justiça social, liberdade política e dignidade material. Com base na noção de filosofia da realidade histórica, desenvolvida por Ellacuría, argumenta-se que a filosofia deve assumir uma função desveladora das estruturas de opressão histórica e epistêmica que moldam a realidade latino-americana. De forma análoga, a Teologia da Libertação é apresentada como espaço de resistência e transformação, cuja práxis emerge das experiências vividas pelas comunidades populares. Ao reposicionar criticamente essas duas tradições de saber, nossa proposta é demonstrar a sua relevância para a formação de uma consciência crítica e para a constituição de práticas emancipatórias no contexto latino-americano contemporâneo.

Palavras-chave: Ignacio Ellacuría. Filosofia latino-americana. Teologia da Libertação. Direitos humanos.



Abstract

This present paper proposes a critical reflection on the role of philosophy and theology in Latin America based on the thought of Ignacio Ellacuría, with an emphasis on his contribution to the defense and promotion of human rights on the continent. Rejecting abstract legal-formal approaches, it argues that human rights must be understood as concrete demands for social justice, political freedom, and material dignity. Based on the notion of the philosophy of historical reality, developed by Ellacuría, it argues that philosophy must assume a role in revealing the structures of historical and epistemic oppression that shape Latin American reality. Similarly, Liberation Theology is presented as a space of resistance and transformation, whose praxis emerges from the lived experiences of popular communities. By critically repositioning these two traditions of knowledge, our proposal is to demonstrate their relevance for the formation of a critical consciousness and the establishment of emancipatory practices in the contemporary Latin American context.

Keywords: *Ignacio Ellacuría; Latin American philosophy; Liberation Theology; Human rights.*

Resumen

Este artículo propone una reflexión crítica sobre el papel de la Filosofía y la Teología en Latinoamérica a partir del pensamiento de Ignacio Ellacuría, con énfasis en su contribución a la defensa y promoción de los derechos humanos en el continente. Rechazando los enfoques jurídico-formales abstractos, se argumenta que los derechos humanos deben entenderse como demandas concretas de justicia social, libertad política y dignidad material. Partiéndose de la noción de filosofía de la realidad histórica, desarrollada por Ellacuría, se argumenta que la filosofía debe asumir un papel en la revelación de las estructuras de opresión histórica y epistémica que configuran la realidad latinoamericana. De igual manera, la Teología de la Liberación se presenta como un espacio de resistencia y transformación, cuya praxis surge de las experiencias vividas de las comunidades populares. Al reposicionar críticamente estas dos tradiciones de conocimiento, nuestra propuesta es demostrar su relevancia para la formación de una conciencia crítica y el establecimiento de prácticas emancipadoras en el contexto latinoamericano contemporáneo.

Palabras clave: *Ignacio Ellacuría. Filosofía latinoamericana. Teología de la Liberación. Derechos humanos.*

1 Introdução

O que significa pensar hoje os direitos humanos na América Latina? E qual seria o papel da filosofia e da teologia neste contexto? Haveria possibilidade concreta de estes saberes, com sua ampla tradição, auxiliarem na luta dos povos da América Latina? Em primeiro lugar, é preciso levar em consideração que a reflexão atual em torno dos direitos humanos e de sua efetividade não se restringe a uma análise dos períodos sombrios, ditatoriais e autoritários pelos quais esse continente passou e, em certa medida, ainda passa. Tal reflexão perpassa, e sempre perpassou, também, o lugar que esses direitos ocupam no interior das chamadas democracias, por mais vacilantes que estas se apresentem.

Ademais, é fundamental observar que a América Latina foi submetida a um violento processo de colonização, cujas marcas permanecem amplamente visíveis até os dias atuais. E

tais marcas não dizem respeito apenas à exploração, ao saque e à interferência em sistemas políticos e econômicos, mas também à constituição de formas de subjetividade, isto é, de modelos de subjetivação profundamente submissos e niilistas quanto à própria capacidade de auto-organização. Trata-se de uma colonização das consciências que atravessa os séculos e repercute nos modos pelos quais os sujeitos se reconhecem, ou deixam de se reconhecer, como agentes históricos dotados de valor, de dignidade e de capacidade transformadora. Nesse sentido, a articulação entre filosofia e teologia, sobretudo em suas vertentes críticas e libertadoras, pode revelar-se não apenas pertinente, mas necessária à reconstrução de uma práxis emancipatória que confronte tanto os resíduos coloniais quanto os dispositivos contemporâneos de opressão.

Desse modo, pensar, em nossos dias, o lugar dos direitos humanos na América Latina não implica, necessariamente, em uma reflexão restrita ao campo jurídico, voltada exclusivamente à positivação de direitos ou à sua inserção em declarações, tratados e/ou códigos legislativos. Refletir sobre os direitos humanos neste continente significa, antes de tudo, considerar os ataques sistemáticos e as múltiplas formas de violência dirigidas a esses direitos, mesmo diante de estruturas normativas que, à primeira vista, poderiam parecer suficientes e inquestionáveis. Nesse contexto, Ignacio Ellacuría, sacerdote jesuíta que viveu por um longo período em El Salvador, oferece uma reflexão de notável densidade analítica e impressionante atualidade. É à sua teoria, bem como ao modo como ela permite problematizar os desafios da filosofia e da teologia como espaços de libertação e o papel dos direitos humanos nas sociedades latino-americanas contemporâneas, que este estudo se dedicará.

No entanto, a perspectiva e leitura deste problema tão central e constitutivo da história latino-americana se dará a partir de duas tradições com uma ampla história e presença em nosso continente, quais sejam: a filosofia e a teologia. Apesar da história mais do que milenar destes saberes, é preciso reconstruir um esforço de apropriação crítica destas tradições para que o potencial libertador de ambas possa se mostrar. Tanto a filosofia quanto a teologia, em suas histórias europeias e, muitas vezes, eurocêntricas, não podem ser tomadas como espaços imediatamente favoráveis às lutas pela libertação. Enormes parcelas da constituição histórica dominante destes saberes foram e continuam sendo usadas para legitimar uma estrutura social desigual e opressora.

A justificação e a naturalização de sistemas de dominação econômica, social ou cultural são realidades amplamente observáveis em nosso continente. Neste sentido, mais uma vez,

justifica-se a dedicação em reconstruir a leitura dos textos de Ellacuría. Os objetivos são os de pensar uma filosofia desde a América Latina, radicalmente orientada para uma compreensão histórica de nossos problemas e, também, uma teologia como espaço de crítica da violência e da exploração realizadas em nome de Deus. As lutas por direitos humanos, isto é, por dignidade, neste contexto, só conseguirão avançar e alcançar o protagonismo pretendido na medida em que tivermos condições de pensar nossa própria realidade sem os véus ideológicos de naturalização e justificação do autoritarismo e da violência.

2 *Intermezzo*: quem foi Ignacio Ellacuría

Ignacio Ellacuría nasceu em 1930, na Espanha. Após ingressar na Companhia de Jesus, em 1947, dedicou-se a extensos estudos, os quais culminaram na conclusão de seu doutorado em Madrid, no ano de 1965, sob a orientação de Xavier Zubiri. Este, aliás, com sua profunda erudição filosófica e teológica, haveria de marcá-lo de maneira decisiva ao longo de suas pesquisas e produções intelectuais. Após a conclusão de sua formação acadêmica, Ellacuría estabeleceu-se em El Salvador, onde passou a atuar como professor na Universidade Centro-Americana (UCA).

Nesse contexto, conviveu de forma próxima com diversos expoentes do pensamento latino-americano, tais como Jon Sobrino e, inclusive, Dom Óscar Romero. Ao longo das décadas seguintes, sua postura como intelectual crítico e engajado o levou a constantes enfrentamentos com os poderes político e militar salvadorenhos. Em determinado momento dessa trajetória, Ignacio foi obrigado a retornar à Espanha em razão de ameaças recebidas. No entanto, não se deixou intimidar e, em 1989, retornou ao país centro-americano. Poucos dias após seu retorno, contudo, foi brutalmente assassinado pelas forças armadas de El Salvador, juntamente com outros cinco jesuítas.

Percebe-se, a partir desta breve apresentação, que sua reflexão teórica não pode, em hipótese alguma, ser dissociada do contexto de sua atuação política em defesa da dignidade dos pobres do continente e em oposição a qualquer forma de autoritarismo violento que buscasse legitimidade. Sua formação enquanto filósofo e teólogo foi decisiva para essa atuação — não no sentido de fornecer um corpo doutrinário fechado, mas no de despertar uma sensibilidade crítica para o saber e para a realidade concreta do povo. Torna-se, assim, necessário, no que segue, um olhar mais aprofundado sobre sua compreensão filosófica e teológica.

3 Filosofia da realidade histórica

Quando nos propomos a fazer uma análise filosófica do continente latino-americano, imediatamente nos colocamos diante de um profundo dilema. Por um lado, as categorias filosóficas com as quais trabalhamos, de forma predominante, são europeias. Por essa razão, carregam em si um forte eurocentrismo. Por outro lado, dificilmente teremos à nossa disposição categorias que possam prescindir, imediatamente, dessa tradição europeia que formou a base de nossas concepções filosóficas. Dessa maneira, precisamos fazer um duplo movimento. O primeiro, que é o de datar historicamente e localizar geograficamente os conceitos com os quais trabalhamos. Nesse sentido, apropriamo-nos das filosofias europeias sem aderir a uma naturalização de seu eurocentrismo latente. E, por outro lado, fazer uma confrontação e uma contraposição entre os conceitos com os quais vamos trabalhar e a realidade especificamente latino-americana que nos propomos analisar. Esse é, fundamentalmente, o desafio do filósofo Ellacuría.

Apesar da profunda experiência em construir uma filosofia desde o lugar concreto da América Latina, Ellacuría mostra claramente os autores com os quais, em uma relação dialógico-crítica, o seu pensamento foi sendo forjado. Hegel, Marx e Xavier Zubiri são, neste sentido, as principais referências. Salta à vista a tradição do pensamento dialético que foi preponderante nesse processo. Os três filósofos acima indicados têm um ponto fundamental em comum, qual seja: o entendimento de que a filosofia precisa partir do todo, da ideia de totalidade. Falando, propriamente, do objeto da filosofia, Ellacuría é bastante claro: “Este seria o seu primeiro e radical objeto formal: *sub ratione totius*. A unidade deste saber estaria em busca do todo de todas as coisas” (Ellacuría, 1991, p. 18). Isto é, o pensador se coloca em imediata relação com a ampla tradição dialética no âmbito da filosofia. E, obviamente, para o espanhol, esta totalidade que é anunciada como objeto da filosofia não poder ser, de nenhuma maneira, uma totalidade abstrata ou metafísica, no sentido de se apresentar como uma figura estática que seria referência para qualquer análise filosófica.

Para Ellacuría, de modo completamente distinto, partir da totalidade como objeto da filosofia indica reconhecer um profundo entrelaçamento de todos os elementos da realidade. As coisas, os fenômenos, não podem ser lidos isoladamente. Sua inteligibilidade só será alcançada na medida em que formos capazes de situar sua presença e sua pertença a uma totalidade. A tese de fundo, assim, enuncia-se do seguinte modo: “Toda a realidade intramundana constitui uma só unidade física complexa e diferenciada, de modo que nem a unidade anula as diferenças

e nem as diferenças anulam a unidade” (Ellacuría, 1991, p. 30). Portanto, em relação a esta totalidade, é preciso destacar dois aspectos muito importantes, quais sejam: o seu caráter intramundano, e isto não exclui o mundo das ideias que são criadas pelos seres humanos e também habitam o mundo, e a sua dimensão histórica.

O título de sua obra filosófica principal, *Filosofia da Realidade Histórica* (1991), deixa entrever o ponto principal do qual parte a sua análise. Para Ellacuría, a filosofia é uma filosofia da realidade histórica. E o que significa dizer que a realidade é uma realidade histórica? Significa dizer que a realidade está profundamente aberta à ação humana, ao devir e à constituição das potencialidades internas que estão presentes nesta mesma história. Significa dizer que a filosofia não se ocupa do mito, tampouco de uma realidade estática e que sempre se repetiria, mas que se ocupa de uma realidade profundamente dinâmica e profundamente marcada pelas ações e decisões dos seres humanos em seu estar no mundo. O mito se caracteriza por apresentar uma concepção estática e fechada da realidade. Nele, ação humana, que abre espaço para o que chamamos de história, é muito frágil em relação ao destino implacável que, de antemão, já estabeleceu os rumos que a realidade irá seguir. Conceber a realidade como histórica, neste sentido, significa entendê-la como espaço a ser construído de forma coletiva. Significa assumir a tarefa de decidir coletivamente o nosso próprio destino.

Certamente, esta tarefa é uma das mais difíceis. Ideologias justificadoras de uma realidade de miséria e de sofrimento apresentam-nas como resultados naturais de um mundo que sempre foi assim. Percebemos, portanto, a atualidade destas perspectivas míticas. O mito sempre teve o efeito de manter a ação humana impotente para qualquer mudança fundamental. A pergunta da filosofia, portanto, não é pela origem. Não é uma pergunta metafísica por algo que estaria para além da dinamicidade da realidade histórica. A tese complementar de Ellacuría, dessa forma, é anunciada:

A realidade intramundana é intrinsecamente dinâmica, de modo que a pergunta pela origem do movimento é uma falsa pergunta, ou, ao menos, uma pergunta secundária. (...) A realidade é sempre dinâmica e seu tipo de dinamismo corresponde a seu tipo de realidade. Não há realidades estáticas plenamente idênticas a si mesmas (Ellacuría, 1991, p. 31).

Logo, o ponto de partida da análise filosófica do jesuíta espanhol é o reconhecimento de que a dinamicidade histórica é intimamente constitutiva da realidade. Não há qualquer consideração válida do real que esteja para além disso. Perspectivas essencialistas e centristas,

isto é, que pretendem fazer uma leitura comparativa da realidade a partir de um parâmetro tomado como absoluto, serão identificadas como ideologias justificadoras ou opressoras. Neste contexto é que podem aflorar a riqueza e a profundidade das considerações filosóficas de Ellacuría. O continente latino-americano sempre foi compreendido com o olhar do outro. Há uma ampla dificuldade em tomar consciência de nossa própria condição e de nossos próprios problemas. Mas tudo, obviamente, sem desconsiderar o fato de que a América Latina está situada em uma determinada totalidade. São relações históricas de exploração e colonização que impuseram uma determinada identidade a este continente. Vejamos as palavras do autor:

O continente latino-americano — e não somente ele — vive estruturalmente em condições de opressão e ainda de repressão, sobretudo no que se refere às maiorias populares. Opressão e repressão às quais contribuíram, direta ou indiretamente, se não as filosofias enquanto tais, ao menos as apresentações ou manifestações ideológicas destas filosofias. (...) Naturalmente, essa opressão-repressão não é apenas ideológica, mas sim, real. Porém, tem como um de seus elementos justificadores e, inclusive, ativamente operantes, diversos elementos ideológicos (Ellacuría, 1991, p. 94).

Portanto, o que está sendo destacado neste trecho é o fato de que determinadas filosofias, filosofias europeias, não apenas não estão em condições de nos oferecer ferramentas para compreender a especificidade do que constitui a realidade latino-americana, mas, inclusive, encobrem uma possibilidade real de entendimento das profundas estruturas desta realidade. É preciso, pois, passar essas categorias pelo crivo da crítica histórica.

O continente latino-americano foi formado historicamente a partir de um processo de colonização, opressão e repressão. Sofreu interferências econômicas, políticas e culturais durante séculos. Todo esse percurso se manifestou numa autocompreensão inferiorizada e de subordinação. Um processo de reconhecimento completamente assimétrico conduziu a uma cultura de esvaziamento democrático, de autoritarismo político e exploração econômica. E o que é mais grave: aos poucos os povos latino-americanos foram esquecendo que esse é um processo de constituição histórica, e não um dado natural. Aos poucos, fomos naturalizando formas de dominação, de discriminação e de subordinação.

No entanto, é importante assinalar, quando Ellacuría fala de uma filosofia da realidade histórica, não está propondo uma filosofia que faça uma simples descrição e uma análise do que aconteceu historicamente. O que o autor está propondo é uma reflexão filosófica, isto é, uma reflexão que nos faça perceber que a realidade não é estática ou essencial. Ao invés disso, a

realidade é dinâmica e histórica. A sua constituição carrega em si as marcas da história. O poder, a política, a situação econômica, e outros tantos aspectos da realidade, não são nada para além daquilo que homens e mulheres deles fazem. Se vivemos em um continente subjugado, onde o autoritarismo e a violência são as marcas das relações sociais, isto se dá pelo fato de que os seres humanos estabeleceram relações históricas que levaram a este estado de coisas. Discriminações raciais ou de qualquer outra natureza sempre procuram naturalizar aquilo que é resultado concreto de uma formação social historicamente construída. A filosofia precisa, na perspectiva do autor, contribuir para este processo de desvelamento dos fundamentos da realidade tão solidamente encobertos.

A filosofia deve distinguir-se, também, pela fundamentalidade, pela busca dos fundamentos. É, pois, concebível que, nesta busca dos fundamentos, pode-se descobrir melhor a des-fundamentação das posições ideologizadas. O empreendimento em busca dos fundamentos últimos e totalizantes tem seus perigos de escorregar para ideologia, porém, tem também, enormes possibilidades para identificar e combater o que quer se apresentar como fundamento real, quando realmente é um fundamento imaginado (Ellacuría, 1991b, p. 101).

Por não ser uma filosofia essencialista, naturalmente, ela não nos oferecerá soluções. Muito pelo contrário, a filosofia poderá ser percebida como uma condição de possibilidade para que possamos tomar consciência da nossa própria condição histórica. Em um contexto, portanto, em que os direitos humanos são constantemente violados, através de múltiplos sistemas de violência, através do autoritarismo político que nega qualquer tipo de participação, através de uma colonização exploratória e também cultural que nos faz introjetar valores e perspectivas do colonizador, precisamos da filosofia, mais do que nunca, para conseguir, aos poucos, entender o nosso lugar e a nossa realidade. O agir humano, condição de possibilidade da história, depende desta tomada de consciência.

4 Teologia da Libertação

Se a filosofia foi identificada, em muitos momentos, como um fator de encobrimento da realidade, tanto mais a teologia se prestou a esse papel. Na América Latina, com muita frequência, observamos que, inclusive em momentos de profunda radicalização dos sistemas autoritários de opressão e de violência, a teologia, mais especificamente a teologia cristã, foi utilizada para justificar essas estruturas. Mais do que isso, foi amplamente utilizada para induzir

as pessoas a comportamentos de resignação diante da realidade. Por esse motivo é que muitos teólogos e intelectuais latino-americanos iniciaram um amplo movimento de ler e compreender a especificidade da teologia cristã no continente latino-americano. Nasceu desse esforço aquilo que é denominado como teologia da libertação. Muitos são os nomes que se destacam nesta ampla tarefa, mas seguramente podemos colocar o nome de Ignacio Ellacuría como um dos colaboradores desse movimento.

O seguinte trecho do livro *Conversión de la Iglesia al Reino de Dios para anunciarlo y realizarlo en la historia* (1984) é um excelente exemplo de como essa hermenêutica bíblica coloca a teologia com os pés no chão da realidade latina:

O Reino de Deus é um Reino “dos” pobres, “dos” oprimidos, “dos” que sofrem perseguição, etc. Este é o grande escândalo do Reino: que a salvação é prometida, em primeira instância, a aqueles que foram descartados pelos poderes deste mundo, por poderes mundanos (Ellacuría, 1984, p. 17).

Tomar a situação de pobreza e os pobres como ponto de partida de um movimento teológico é, neste sentido, bastante emblemático. Se o Reino anunciado por Jesus é um Reino de justiça e de vida para todos, salta aos olhos que a América Latina nega as condições de possibilidade de vida digna para todos com a sua estrutura econômico-política baseada na exploração. Um olhar profundamente sensível aos problemas de nosso continente e de nossa época conduz, portanto, o desenvolvimento deste esforço. Antonio Blanch, por ocasião da publicação do livro coletivo *Cambio Social y pensamiento cristiano en América Latina*, que reuniu expoentes deste movimento latino-americano, pôde escrever na apresentação (1993, p. 13):

Podemos captar, finalmente, a grande novidade e a capacidade criativa deste último pensamento teológico. Novidade que se centra, sobretudo, na visão global e no método interpretativo ao afirmar, por um lado, que a revelação divina do Reino está sendo realizada em plena história humana e, por outro lado, por mostrar como esta história humana – entendida como história da salvação – não se decide desde os cumes do poder e do saber, mas sim desde estas amplas e obscuras zonas de pobreza e marginalização social.

A mensagem e, mais decisivamente, a atuação de Jesus descrita no Novo Testamento, bem como todo o conjunto de categorias do pensamento teológico tradicional são pensadas e

repensadas a partir da realidade concreta do povo latino-americano. Aliás, só faz sentido falar em teologia da libertação se levarmos em conta os espaços concretos — as comunidades eclesiais de base — onde estas pessoas podem discutir e compreender o caráter libertador e revolucionário da palavra de Deus. Não eram os teólogos que detinham a autoridade para redigir uma doutrina que deveria ser ensinada. Estes, importantes com certeza, conduziam e auxiliavam as comunidades em uma autorreflexão acerca de sua própria situação, acerca do significado da palavra de Deus e sobre o sentido de sua própria fé. Essencialmente, essa é uma reflexão coletiva, em comunidade

Enrique Dussel, outro importante expoente deste movimento, escreve sobre este aspecto com uma notável clareza:

A teologia da libertação nasce e aprende disciplinarmente desde a práxis do povo latino-americano, das comunidades cristãs de base, dos pobres e dos oprimidos. Justifica, primeiramente, o compromisso político dos cristãos militantes, para depois fazer o mesmo com a totalidade da práxis do povo latino-americano empobrecido. Constitui, portanto, um discurso teológico crítico que situa as questões tradicionais (pecado, salvação, Igreja, cristologia, sacramentos, etc.) em um nível *concreto*, pertinente. Não nega o *abstrato* (o pecado *em si*, por exemplo), porém o situa na realidade histórica *concreta* (o pecado *da dependência*, por exemplo) (Dussel, 1990, p. 142).

Além disso, o outro ponto que é muito importante de ser destacado é o caráter profético de tal teologia. É amplamente conhecida a importância do movimento profético na tradição cristã. Todo profetismo sempre partiu de uma profunda denúncia das situações de injustiça e opressão vividas pelo povo. A América Latina, nesse sentido, constitui um espaço absolutamente privilegiado nessa denúncia profética. A teologia, nesta conjuntura, já não se reduz a uma consideração em torno de conceitos abstratos e de realidades metafísicas. Ellacuría, ao escrever sobre o profetismo, é bastante enfático:

Esta plenitude do Reino de Deus, que implica que se tenha em conta todo o Reino de Deus e toda a projeção do Reino de Deus, deve contrastar-se com uma determinada situação histórica. Se o Reino, por exemplo, anuncia a plenitude da vida e o rechaço da morte, e a situação histórica dos homens e das estruturas é a de um reino de morte e negação da vida, o contraste está claro. A contrastação de um Reino historicizado põe de manifesto as limitações (a falta de divinização ou de graça) e, sobretudo, os males (pecados pessoais, sociais e estruturais) de uma determinada situação histórica. E é assim que o profetismo, que se inicia com essa contrastação, está em condições de prenunciar o futuro e ir em direção a ele (Ellacuría, 1990, p. 396).

Verifica-se, pois, que a teologia da libertação, em sua práxis reflexiva, encoraja os povos a olharem para a própria condição e pensar, deste lugar, o contraste entre o Reino anunciado e a realidade de violência e de opressão. A teologia, nesse contexto, e isso é fácil de observar, não serve e nunca poderá servir como instrumento de encobrimento de uma situação de injustiça. Torna-se, contrariamente, um espaço de resistência, de construção, de esperança.

Todo este movimento é profundamente revolucionário, no sentido de que convida a um engajamento em uma luta pela transformação da realidade social. O pecado, neste contexto, não será apenas lido como algo abstrato e pessoal, fonte de culpa e resignação, mas um pecado estrutural, no qual as condições de vida digna e o respeito aos direitos humanos estão negados. Esta realidade se afasta de Deus. E as raízes que a mantêm funcionando precisam ser identificadas e enfrentadas. A teologia, por esse motivo, adquire uma profunda tonalidade política.

Muito rapidamente se percebeu o potencial libertador desta teologia, e isto de uma forma minimamente curiosa. Não foram somente os pobres que reconheceram o seu sentido. As forças políticas, econômicas e militares — partes mantenedoras da estrutura social de injustiça — também o perceberam. As perseguições foram imediatas. Até por parte da Santa Sé houve manifestação apontando os riscos de uma proximidade demasiada com o marxismo. Ainda assim, nunca houve uma condenação aberta por parte de Roma. Os poderes políticos, no entanto, não tardaram em fazer valer a força ao tentar calar os expoentes deste movimento. O massacre, no qual Ellacuría foi morto junto de seus colegas, é, infelizmente, apenas um capítulo deste amplo roteiro de perseguição.

5 Considerações Finais

Nosso objetivo, neste breve estudo sobre Ignacio Ellacuría, não teve a pretensão de oferecer uma exposição exaustiva de sua filosofia e de sua teologia. Para que isso fosse possível, seria necessário, evidentemente, dispor de um espaço analítico significativamente mais amplo, capaz de abarcar a complexidade e a densidade de seu pensamento. Ainda assim, o nosso intento parece plenamente justificado na medida em que procuramos acompanhar o esforço intelectual e humano do sacerdote jesuíta em fazer da filosofia e da teologia espaços concretos de libertação e de defesa dos direitos humanos. Direitos humanos, aliás, que, neste contexto específico, não se configuram como noções abstratas e universais encerradas nos códigos jurídicos ou nos

tratados internacionais, muitas vezes desvinculados da realidade histórica das populações às quais se destinam. São, antes, exigências materiais e simbólicas de justiça: liberdade política efetiva, acesso a condições dignas de trabalho, segurança alimentar, reconhecimento da dignidade dos sujeitos historicamente marginalizados.

Ao fazer da filosofia um instrumento de tomada de consciência crítica e da teologia um espaço comunitário de escuta, reflexão, diálogo e fé, Ellacuría se inscreve na linhagem dos pensadores que colocam o saber a serviço das transformações sociais radicais. Nesse gesto, opera uma dupla ruptura: por um lado, retira a filosofia e a teologia de suas instâncias abstratas e eurocentradas, e, por outro, reposiciona essas disciplinas a partir da concretude histórica e existencial dos povos latino-americanos, especialmente os pobres, os indígenas, os camponeses e os operários urbanos. Com isso, amplia-se o horizonte epistêmico dessas ciências, abrindo-as para uma interlocução crítica com a realidade, com os saberes populares e com a ação transformadora das comunidades.

Não se trata, portanto, apenas de reinterpretar categorias filosóficas e teológicas, mas de reorientar sua finalidade: do conhecimento pela especulação ao conhecimento pela libertação. Essa inflexão ética e epistemológica de Ellacuría reverberou não apenas em círculos acadêmicos, mas também em amplos movimentos sociais, eclesiais e políticos da América Latina, contribuindo para a consolidação de uma consciência crítica continental e para o fortalecimento de práticas emancipatórias. Sua atuação na Universidade Centro-Americana (UCA), seu vínculo com os setores populares e sua proximidade com figuras como Dom Óscar Romero são expressões vivas de uma teologia e de uma filosofia encarnadas na história.

Dessa forma, esperamos que este estudo contribua modestamente para a documentação e a valorização de uma das contribuições mais essenciais à reflexão crítica e ao engajamento político no contexto latino-americano: a contribuição de Ignacio Ellacuría. Se esta apresentação não pôde, e tampouco pretendeu ser exaustiva, nem por isso deixou de indicar, com clareza, o núcleo radicalmente libertador de sua proposta filosófico-teológica. Tal núcleo permanece como um chamado urgente à responsabilidade histórica do pensamento diante das injustiças que marcam o presente. Ellacuría, ao afirmar que é necessário assumir a realidade, convida-nos, ainda hoje, a pensar a partir dos oprimidos, com os oprimidos e em favor da libertação concreta de todos os que são excluídos da história.

Referências

BLANCH, A. Presentación. *In*: COMBLIN, J.; FAUS, J. G.; SOBRINO, J. **Cambio Social y pensamiento cristiano en América Latina**. Madrid: Editorial Trotta, 1993.

DUSSEL, E. Teología de la liberación y marxismo. *In*: ELLACURÍA, I.; SOBRINO, J. **Mysterium Liberationis: Conceptos fundamentales de la teología de la liberación I**. Madrid: EDITORIAL Trotta, 1990. p. 115-144.

ELLACURÍA, I. **Conversión de la Iglesia al Reino de Dios para anunciarlo y realizarlo en la historia**. Santander: Eitorial Sal Terrae, 1984.

ELLACURÍA, I. **Filosofía de la realidad histórica**. Madrid: Editorial Trotta, 1991.

ELLACURÍA, I. Veinte años de historia en El Salvador (1969-1989). **Escritos políticos. Tomo I**. San Salvador: UCA Editores, 1991b.

ELLACURÍA, I; SOBRINO, J. **Mysterium Liberationis: Conceptos fundamentales de la teología de la liberación I**. Madrid: Editorial Trotta, 1990.

Enviado em: 08/08/2025

Aprovado em: 09/10/2025